

EDITORIAL**Juliana Gonçalves Melo (UFRN)****Julie Antoinette Cavignac (UFRN)****Carlos Guilherme do Valle (UFRN)**

Convidamos para a leitura da edição nº 58 de *Vivência: Revista de Antropologia*. Neste volume contamos com o Dossiê “De(s)colonizando a Pandemia”, incluindo sete artigos de fluxo contínuo e dois ensaios fotográficos. Além de temas significativos em termos acadêmicos e sociais, a edição traz contribuições importantes para pensarmos no contexto atual e em nossas práticas de pesquisa.

De modo geral, o Dossiê De(s)colonizando a Pandemia, organizado por Rozeli Porto (UFRN), Jean Segata (UFRS) e Andrea Mastrangelo (UNSAM/CONICET) se propõe a pensar a pandemia de Covid-19 para além do vírus e “escrever histórias” para além dele.

Além de evidenciar o caráter desigual e múltiplo da pandemia, o Dossiê permite refletir sobre o papel dos agentes políticos e corporativos envolvidos na “gestão” do vírus e evidencia as formas ambivalentes de lidar com as noções de risco e vulnerabilidade. Abordando realidades diferenciadas – seja de mulheres sertanejas, de mulheres trabalhadoras do sexo, de pessoas com deficiência, do campo afroreligioso e de agentes comunitários – apresenta uma perspectiva multidisciplinar e capaz de tensionar os modelos hegemônicos de saúde global. Nesse contexto, uma contribuição especial é a de Fleischer, que trata do processo de realização de pesquisa empírica em contextos pandêmicos e marcados pelo isolamento social.

Além do Dossiê, contamos com dois artigos que dialogam diretamente com o campo da antropologia da alimentação. Nesse sentido, Viana se propõe a entender os processos de adaptação alimentar dos imigrantes galegos em Salvador e seus descendentes. Sigrist, também pesquisando o contexto de Salvador, analisa o fato de que muitos franceses vão a restaurantes a quilo para almoçar. Realizando pesquisa empírica, Sigrist demonstra como essa prática envolve representações sobre a cultura alimentar brasileira e do país de imigração muitas vezes contraditórias e que exigem negociações complexas.

Ainda versando sobre o campo da alimentação, mas tratando sobretudo da questão da fome, o artigo “Jogos de fome: a política da fome, os processos de construção do Estado e as greves de fome contemporâneas na Europa – os casos da Irlanda do Norte e da Ucrânia” trata da fome e dos períodos de fome prolongada que tiveram lugar na Europa nos últimos séculos e que deram origem a uma dinâmica social complexa e ainda influente na política europeia. Nesse sentido, demonstra como as representações culturais dramáticas da fome possibilitaram a criação de várias narrativas nacionalistas modernas, sobretudo nos Estados-nação

recém-surgidos. Deram origem ainda a novas fontes de lealdades políticas e maneiras de transformar a experiência da fome em estratégias politicamente benéficas de resistência cívica.

Compõem ainda esta edição os artigos “As plantas da casa: etnografia sobre o cultivo de plantas no contexto urbano” e “Água e sombra como materialidades ausentes na conformação de sítios camponeses do sertão do semiárido”.

O primeiro apresenta uma pesquisa empírica que mostra as relações de indivíduos nos usos, na percepção e na manipulação de recursos vegetais nos apartamentos de centros urbanos de Minas Gerais e faz um levantamento de como as pessoas criam estratégias para manter esta atividade, apesar das dificuldades. Conclui que o cultivo é uma atividade que proporciona bem-estar e socialização, para além da relação com a alimentação e a estética.

O segundo texto analisa o sítio camponês no semiárido a partir de uma escala regional dando foco à importância da água e da sombra na organização socioespacial da unidade doméstica em casas situadas na caatinga do Ceará, Pernambuco e Piauí. Evidencia, entre outros aspectos, como o binômio sombra-árvore no interior do terreiro é entendido como estruturante de novos espaços e práticas de sociabilidade. Já a ausência da água estabelece um sistema de objetos que ultrapassa a casa e exige novas configurações.

O artigo “Cabo Toco: uma enfermeira que se tornou combatente” complementa esse número. Nele, Silva, Brum e Jesus tratam da vida de Olmira Leal de Oliveira, popularmente conhecida como Cabo Toco. Cabo Toco foi a primeira mulher gaúcha a servir à Brigada Militar no RS, participando de confrontos armados em 1923, 1924 e 1926. Tendo por referência as narrativas (auto)bibliográficas sobre ela, o texto leva em consideração as representações, experiências, representatividade e memória percebidas por mulheres a respeito de Olmira.

Por fim, em “Vivendo à flor da pele: a tatuagem como marca identitária”, Gómez apresenta uma pesquisa etnográfica sobre a relação entre tatuagem e marcas identitárias. Compreende que a tatuagem se constituiu como marcadora identitária nas classes médias urbanas e contemporâneas brasileiras e analisa as percepções dos tatuados sobre seus corpos e suas marcas, entre outras questões.

Fecham a edição dois ensaios fotográficos que nos convidam a uma experiência sensorial que transcende o domínio do campo textual. Trata-se dos ensaios “Romaria de São Gonçalo: imagens de fé e festa no interior do Paraná” e “Imaginações pandêmicas coexistentes: práticas culturais e sociais diante do coronavírus em Natal (Rio Grande do Norte)”.

Fica, portanto, nosso convite. Imperdível, não?